



**AgEcon** SEARCH  
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

*The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library*

**This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.**

**Help ensure our sustainability.**

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

[aesearch@umn.edu](mailto:aesearch@umn.edu)

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



**ERRÂNCIAS SERTANEJAS: AS MIGRAÇÕES CAMPO-CIDADE EM MONTES CLAROS NO NORTE DE MINAS GERAIS.**

ANDREA MARIA NARCISO; CARLOS RODRIGUES BRANDAO;

UFU E UNIMONTES

UBERLANDIA E MOC - MG - BRASIL

andreapirapora@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

**ERRÂNCIAS SERTANEJAS: AS MIGRAÇÕES CAMPO-CIDADE NO NORTE DE MINAS GERAIS.<sup>∞</sup>**

**Grupo de Pesquisa: 7- Agricultura Familiar e Ruralidade**

### **Resumo**

Este trabalho apresenta reflexões sobre a dinâmica interna rural no Brasil com ênfase para o Norte de Minas Gerais. A reflexão sobre a migração rural na cidade do sertão de Minas Gerais corrobora a hipótese das migrações estarem ocorrendo cada vez mais dentro das próprias regiões, em função do crescimento incentivado pelo Estado em algumas cidades e também a desilusão com as metrópoles, consequência do processo de organização do trabalho que produz uma combinação perversa cuja principal causa e consequência é o desrespeito aos trabalhadores migrantes. A análise do perfil sócio-econômico do migrante rural e a sua integração no mercado de trabalho, as possibilidades, colocações e o mercado informal como via de sub-integração, revelam que as relações sócio espaciais continuam marginalizando os trabalhadores oriundos do meio rural, limitando sua inserção no mercado de trabalho. Esse fenômeno tem levado a profundas diferenças sociais e econômicas, que são percebidas no espaço social, através da segregação urbana. As entrevistas sobre a experiência de trabalho dos migrantes rurais em Montes Claros revelam a formação da sociedade brasileira do terceiro milênio como uma história da (re) produção de indignas condições de vida.

---

<sup>∞</sup> Este trabalho é fruto da pesquisa de mestrado realizada pela autora e também das pesquisas que são realizadas nos grupos de pesquisas: OPARA financiado pela FAPEMIG E tempos e Espaços em comunidades rurais financiado pelo CNPq., bem como na tese de doutorado da autora.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

**Palavras-chaves:** migrações internas, políticas públicas, trabalho, mercado de trabalho, desemprego, Montes Claros.

**ABSTRACT:**

This piece of work presents reflections about the rural internal dynamics in Brazil with emphasis to the North of Minas Gerais. The reflection about the rural migration in the city of the outback's of Minas Gerais proves the hypothesis that the immigration is taking place more and more inside the regions, due to the growth impelled by the state in some cities and also the delusion with the metropolis, as a consequence of the process of organization of the work which produces a perverse combination whose main cause and consequence is the disrespect to the migrant workers. The analysis of the rural migrant socio-economic profile and his integration in the workmarket, the possibilities, placement and the informal market as via of de sub integration, reveals that the social spacial relations keep segregating workers coming from the rural áreas, limiting their insertion in the workmarket. This phenomenon has led to deep social and economic differences, which are noticed in the social space, through the urban segregation. The interviews about the work experience of the rural migrants reveals the formation of the Brazilian society of the third millenium as a history of the (re)production of unfair life conditions.

**Key Words:** internal migrations, public policies, work market, unemployment, market, Montes Claros.

**1. INTRODUÇÃO:**

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.* GUIMARÃES ROSA, 1986,p. 278.

Ao longo da história do Brasil, foi consolidando uma estrutura fundiária altamente concentradora. As capitanias hereditárias, as sesmarias, o fim da escravidão e as leis de terra de 1850, incentivaram uma distribuição desigual da terra. Grandes extensões de terra foram entregues a poucos proprietários. “O cativo humano termina, começa o cativo da terra”, (FERNANDES:2002, 2).

Desde o século XVI, os camponeses resistem contra a expropriação produzida pelo capitalismo. Fernandes (2001) chama a atenção para entender que a migração funcionava como forma de sobrevivência e resistência aos enfrentamentos que geraram mortes e massacres. Quilombos dos Palmares, Canudos, cangaço são alguns exemplos históricos de resistência e organização dos trabalhadores do campo. Os trabalhadores colocam o pé na estrada migrando por florestas, caminhos e sendo responsáveis pelo desbravamento de muitas regiões.

O modo de produção desde o capitalismo mercantilista, já privilegiava determinado produto de exportação em detrimento de outros. Estes períodos chamados “ciclos econômicos” funcionavam como fator de atração para a migração. Os ciclos da cana de açúcar, do ouro, do café e da borracha são responsáveis por grandes correntes migratórias.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Os ciclos econômicos são substituídos pela modernização agrícola a partir da década de 1960 com a utilização intensa do processo de atividades agrícolas, baseadas no paradigma da Revolução Verde. A principal característica desse processo continuou sendo a concentração das terras. O desenvolvimento da agricultura passou a depender da dinâmica da indústria. Nesse processo as modificações são irreversíveis na base técnica e no processo de trabalho através da passagem da subordinação indireta a subordinação direta do trabalho ao capital.

Graziano da Silva (1998) resume a passagem da agricultura brasileira, baseada no complexo rural para o agroindustrial a partir dos seguintes fatores: o desenvolvimento do mercado interno no capitalismo; em 1850 a suspensão efetiva do tráfico negreiro, a crise de 1929 e em 1950 a consolidação da constituição de um mercado interno; as participações do Estado, através das formulações de políticas específicas para os complexos agroindustriais com objetivo de regularização geral e fixação de preços.

A decomposição do complexo rural ocorreu para Silva(1998) através dos seguintes fatos: a redução do trabalho escravo e a introdução do trabalho livre nas fazendas de café, o complexo cafeeiro e a ampliação de atividades urbanas e em 1930/60 a - integração dos mercados nacionais. Com a queda das exportações de café, surgiu a necessidade de constantes desvalorizações cambiais e controle de mercados de divisas que favoreceu a industrialização. Em 1965 foi criado o SNCR - Sistema Nacional de Crédito Rural - o principal veículo do projeto modernizador para a agricultura; que levou a conglomeração empresarial ou *territorialização da burguesia*.

As décadas de 80 e 90 foram marcadas pela intensificação da urbanização brasileira. Embora com novas características, no final dos anos 80 e toda década de 90 as migrações intensificaram-se intra-regionalmente e continuaram a ocorrer às migrações sazonais. Abramovay (1999) enfatiza que a saída do meio rural não significa o acesso às condições mínimas próprias da vida urbana, ou seja: “desruralização nem sempre é sinônimos, neste sentido, de urbanização”, (ABRAMOVAY,1992,p.2).

As modificações tecnológicas na cidade e no campo expulsam o trabalhador do campo, mas também o recusa nas metrópoles, uma vez que fica mais difícil “encontrar” serviço nas cidades grandes para aqueles que têm pouca escolaridade e quase nenhuma qualificação profissional. A construção civil e as indústrias, não contratam mais. Ao contrário, demitem em massa.

A população migrante retorna para sua região, o que não quer dizer retornar para os seus municípios de origem, mas sim para as cidades de porte médio que oferecem melhores condições de saúde, educação e trabalho. O processo de desruralização persiste na virada do milênio em todo Brasil, embora concentre na região Nordeste e Norte de Minas Gerais suas maiores taxas.

A importância do êxodo rural é confirmada quando se examinam os dados dos últimos 50 anos: desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muito esta tendência: se as taxas de evasão do meio rural observada entre 1990 e 1995 persistirem pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 terão mudado seu local de residência na

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

virada do milênio.  
(ABRAMOVAY, 1999, p.1).

A migração sazonal sempre condicionada aos trabalhadores do Norte de Minas, agora já não é a modalidade migratória mais freqüente nos municípios norte-mineiros. Os trabalhadores rurais em suas idas e vindas começam a fazer a opção de migrar dentro da própria região. Ressalta-se que as migrações para as capitais, o interior de São Paulo e novos pólos no Norte do Brasil, continuam a acorrer, mas as migrações intra-regionais, confirmadas pelo censo 2000, tornaram-se mais constantes.

Em 1959 a região teve um grande impulso para a industrialização das cidades e a modernização do campo, foi criada a SUDENE - Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste -, englobando o Nordeste do Brasil e o Norte de Minas Gerais. A SUDENE possuía dois objetivos principais: coordenar a ação do Governo federal e administrar os recursos transferidos para a região”, (RODRIGUES, 2000,p.119).

Para industrializar a região foi criado um sistema de incentivos fiscais, consolidados pelo FINOR – Fundo de Investimentos do Nordeste. Por outro lado, visando solucionar os problemas agrícolas da região, foi adotada a estratégia formulada pelo GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. Os pontos centrais desta política de desenvolvimento basearam-se em grandes projetos agropecuários, industrialização, reflorestamento e projetos de irrigação.

A industrialização proporcionou o processo de urbanização. Conseqüentemente, houve a concentração em alguns municípios dos setores de melhor qualidade de serviços. As microrregiões que apresentaram maiores taxas de crescimento populacional foram Pirapora (73%) e Montes Claros (43%), onde localizavam os dois únicos distritos industriais da área mineira de atuação da SUDENE. Montes Claros passou a ser o centro de serviços de saúde, educação e concentração de órgãos públicos estaduais e federais, para a região norte-mineira e para o sul da Bahia.

Os migrantes começaram a buscar além do Sul do país, também os municípios com mais indústrias da RMNE - Região Mineira do Nordeste, sempre em busca de emprego. Essa mobilidade espacial desorganiza os municípios do Norte de Minas que não dispõem de infra-estrutura para receber novos habitantes.

Estas indagações e incertezas que acompanham a trajetória dos migrantes rurais para a cidade de Montes Claros, sertão mineiro, são objeto de investigação deste trabalho. Pretende-se discutir a migração rural para Montes Claros, Norte de Minas Gerais.

## **2-Errâncias Sertanejas: As Migrações Campo-Cidade<sup>1</sup>.**

---

<sup>1</sup> As informações e dados a partir desta parte do trabalho, referente as migrações campo-cidade na região do Norte de Minas Gerais são resultado da pesquisa para a Dissertação de Mestrado: A Integração dos Migrantes Rurais no Mercado de Trabalho em Montes Claros no Norte de Minas: *A esperança de Melhoria de Vida*. Apresentada por PAULA, Andréa M.N.R. de, autora deste trabalho, na Universidade Federal de Uberlândia no instituto de Geografia em 30 de maio de 2003 e as pesquisas no doutorado em Geografia na mesma Universidade.





**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Sertão, grande, lugares conquistados, sagrados. Paisagens de Cerrado, de matas fechadas, chapadões, de representações no tempo do vivido, do representado e do pensado, do imaginado. O Polígono das Secas<sup>2</sup>, parte da região do Nordeste brasileiro e do semi-árido. Engloba a região Nordeste do Brasil e o Norte e Nordeste de Minas Gerais. É o lugar onde a cultura sertaneja é composta de lendas, tradições, saberes regionais, características rurais e permanentes movimentos migratórios em busca de trabalho. É lugar do grande sertão, lugar de conflitos de terras, lugar da indústria da seca. É também o lugar das políticas públicas que objetivaram a transformação da região e não transformaram a qualidade da vida da população sertaneja.

O Estado de Minas Gerais foi considerado como maior exportador de mão-de-obra no Brasil na década de 70 e 80, concentrando nas regiões Norte e Nordeste do Estado, os lugares de maiores saídas de trabalhadores sazonais, principalmente, para o interior do Estado de São Paulo e para região mineira do Triângulo Mineiro. Os trabalhadores sazonais, em sua maioria, são transportados em condições irregulares e recebem míseros salários. Muitos são mantidos como escravos, em cativeiros, trabalhando para pagarem dívidas de medicamentos, alimentação e moradia. Deixam famílias inteiras para trás. As chamadas “viúvas de maridos vivos”, que passam a tomar conta da terra, dos filhos e vivem a esperar pelo companheiro e pelo rendimento que este espera receber.

No lugar de onde eu vim, a terra para plantar é pouca porque há muitas fazendas de criação e o gado toma conta de toda a terra e bebe toda a água. Mas o gado dá carne, dá dinheiro. E assim, as fazendas são grandes e sobra pouca terra para os pobres plantar, (PIERSON, 1972, p.63).

As migrações sempre ocorreram como forma de tentar reproduzir o capital que, com a seca, a industrialização do campo, tornou-se inviável. Na tentativa de permanecer no meio rural migra apenas o chefe da família, tornando, assim, a mulher, responsável pela terra e filhos, enquanto o homem segue “correndo trecho” em busca da “*tar melhoria de vida*”.<sup>3</sup>

Em Da Matta (1983), a migração sazonal teria correspondência com à busca do mundo da rua, para possibilitar a melhoria no mundo da casa. Como se as relações familiares ficassem estáticas durante todo o período de migração dos trabalhadores.

[...] de fato, a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares.[...] Mas a rua implica uma certa falta de controle e um afastamento. É o local do castigo, da “luta” e do trabalho. Numa palavra, a rua é o local daquilo que os brasileiros chamam de dura realidade da vida. (DA MATTA, 1983, p.14).

O período de concentração da migração sazonal no Norte de Minas Gerais acontece entre os meses de abril a dezembro, geralmente quando o migrante passa a desempenhar

<sup>2</sup> O Polígono das Secas (ocorrência de secas periódicas), que faz parte do semi-árido brasileiro (que representa 18% do território nacional), possui uma área estimada em 1.083.709,7 Km<sup>2</sup>. Conferir no site [www.desert.org.br](http://www.desert.org.br), acesso em 2/04/2005.

<sup>3</sup> Frase repetida diversas vezes nos relatos dos migrantes rurais durante a pesquisa de campo, que representa bem a esperança da vida melhorar na cidade.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

trabalhos de plantio e colheita agrícola, principalmente, nas lavouras de café e cana-de-açúcar.

Os membros da família que permanecem ficam para cultivar a terra cuidam do **mundo da casa**. Os que saem para o **mundo da rua** sonham e buscam retornarem para a casa, ou seja, tanto os que partem, como os que ficam, querem estar no mundo da casa e a migração só acontece em função da necessidade de enfrentar a "dura realidade da vida", quer seja a ausência dos entes queridos, quer seja o trabalho quase sempre mal remunerado e em péssimas condições.

A concepção de lugar torna-se importante para contextualizar a migração. O lugar é a casa, as relações de família, a terra, o município de origem, as raízes, enquanto o espaço, as idas e vindas, significam o mundo, o trabalho temporário, a possibilidade, a expectativa, à vontade de retornar sempre para o lugar da casa. "São 40 milhões de migrantes no Brasil- Pessoas que vivem fora do lugar em que nasceram. Quantos desses saíram para voltar? Quantos são os que pensam que chegaram a seu destino, como aqueles que encontrei, e que estão partindo de novo?," (MARTINS, 1988,p.2).

O Jornal Estado de Minas, na edição de 08 de julho de 2001, divulgou o que foi chamado de "Mapa da Fuga". Os jornalistas chamam atenção para a continuação da migração do Norte de Minas para outras regiões do País, em situação irregular de trabalho, e com salários míseros, deixando também parentes em extrema pobreza, aguardando a volta com "algum dinheiro". A reportagem do Jornalista e escritor Luiz Ribeiro analisando a "fuga" de milhares de migrantes rurais do Norte de Minas para outras regiões do país demonstra que a principal rota é para Palmas/Tocantins (Quadro 2).

Os dados sobre as rotas migratórias no período de dezembro de 2000 a junho de 2001 divulgados pela Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene - AMANS, utilizados pela reportagem, demonstram também a diminuição da população em vários municípios da região. São famílias que deixam o campo, e são muitas as empresas que chegam para apropriar do espaço.

## QUADRO 2

### Destino e Ocupação pretendida pelos Migrantes do Sertão Mineiro

LOCAL DE DESTINO	OCUPAÇÃO PRETENTIDA
São Paulo (capital)	Qualquer trabalho
Ribeirão Preto e interior de SP	Corte de cana
Campinas-SP	Emprego em hortifrutigranjeiros
Brasília (DF)	Trabalho doméstico, sitiante
Goiás (Formosa)	Trabalho na agricultura
Mato Grosso do Sul (Rio Brillhante)	Corte de cana
Pará	Trabalho em fazendas de gado e retirada de madeira

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

Tocantins	Pessoas que querem investir em algum negócio
-----------	--

**FONTE:** Adaptação de PAULA, Andréa M.N.R. de. Com base no Jornal Estado de Minas, Encarte:

Gerais, do dia 8 de julho de 2001.

No início do século XXI a migração continua ocorrendo, sempre em busca da integração com o mercado de trabalho. Os trabalhadores oriundos do meio rural, camponeses, pequenos produtores, cidadãos de aglomerados rurais de pequenos municípios do interior, possuem maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mas continuam na procura de espaços, em “busca de algum tipo de rendimento”. A sobrevivência de milhares de famílias ainda é os constantes deslocamentos espaciais, sem direito às escolhas de para onde ir e quando voltar.

A migração sazonal é uma estratégia dos trabalhadores de manutenção na terra e de reproduzirem enquanto grupo social, permanecendo camponeses. “Vão trabalhar em terras alheias para poderem continuar ligados à sua, viram empregados por uns tempos para poderem continuar para sempre camponeses”. (RIBEIRO, 1996, p.32).

As migrações continuam a ocorrer em busca de trabalho, seja temporário ou permanente. Muitos migrantes retornam para a região. Os trabalhadores voltam ao sertão mineiro quase sempre desprovidos de recursos financeiros e de motivação e não regressam aos seus municípios de origem.

A urbanização dos municípios aconteceu e acontece em grande parte aos deslocamentos espaciais dos trabalhadores entre o rural e o urbano; tantos são os trabalhadores que migram pela primeira vez do campo para a cidade, quanto aqueles que em sua maioria já migraram antes para outras regiões e agora resolvem permanecer em sua própria região, mas não em seus municípios de origem. Diversidade de pessoas que procuram o mesmo objetivo: trabalho, emprego.

Os problemas estruturais locais são fenômenos globais, mas que manifesta suas particularidades no lugar. Considerando Santos (1999,p.12), "cada lugar é a sua maneira, o mundo", ou seja, um fenômeno global, manifesta-se também no local. A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade.

Aos pobres, os não-naturais das cidades, restam a tentativa apenas de sobreviver, porque bem-estar é um sonho que vai ficando cada dia mais distante.

A produção e a reprodução do capital estão num lugar e a reprodução da força de trabalho está fundamentalmente em outro lugar. A reprodução da força de trabalho está parcialmente separada da produção e reprodução do capital. A reprodução da força de trabalho não corresponde à recriação do capital variável e não se dá, em grande parte, no mesmo processo de trabalho e de valorização em que se reproduz o capital constante e se extrai a mais-valia, (MARTINS: 1988 p.55).

Conseqüentemente, a migração continua a ocorrer em função da reprodução do capital que cada dia se dá no “mercado de forças produtivas” na cidade. As atividades





**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



vinculadas à agricultura familiar são poucas, impulsionando a saída para o meio urbano como *locus* de produção de oportunidades de trabalho. O campo se esvazia de famílias de pobres e a cidade se metropoliza de miséria.

Ao migrante que retorna a sua região, sempre fica o desejo de que nesse “novo” lugar, agora na sua própria região, haverá novas oportunidades. As políticas públicas de emprego e renda no meio urbano transformam-se em **esperança** de melhoria de vida e os programas do meio rural não passam de **expectativas**. As expectativas e esperanças se confundem e muitos são os trabalhadores que sentem grandes frustrações em permanecer na cidade.

Se nas décadas de 60 e 70 o destino era principalmente São Paulo, hoje o destino é a sua própria região. A escolha de para onde migrar resulta da possibilidade da procura pelo “*desenvolvimento! Mais próximo de casa*”.

Como diz um migrante em um depoimento: “*A gente procura na verdade é o moderno. A cidade tem médico, dentista, luz, televisão, um montão de prédio (sic). Sei que tem muita gente, que tá difíci (sic), mas tem muita chance, prá quem quer vencer.*”<sup>4</sup>. O moderno é definido como a busca do desenvolvimento, a busca da melhoria.

Portanto, a procura também do moderno, associado a busca de bens de serviços vitais para a sobrevivência mínima, leva os trabalhadores a percorrerem espaços perto e longe, caminhos entre o sertão, cortando o sertão, trechos. Segundo Harvey “A única coisa segura na modernidade é a sua insegurança”, (2001, p.20).

O processo de mobilização de bens, pessoas e informações no interior da sociedade, junto com a diferenciação da divisão social do trabalho, definem *status* e papéis sociais que serão desempenhados de acordo com a qualificação e de forma “livre” e racional pelos sujeitos sociais.

A ação de migrar, de partir, é racional no sentido das poucas possibilidades de sobreviver no campo. Mas, a busca da modernidade é ilusória, a partir da constatação do “simulacro” nas cidades.

A realidade no Norte de Minas, especificamente dos migrantes rurais, demonstra a miséria extrema que a maioria sobrevive no caos urbano do progresso técnico da modernidade.

A inserção no mercado de trabalho urbano continua difícil. A baixa escolaridade, qualificação deficiente e profunda discriminação social impedem a entrada no mercado formal de trabalho. A expectativa de um mundo novo nas cidades não se concretiza, pelo contrário, a realidade é dura, fria. O mundo novo para milhares de pessoas que buscam apenas o sobreviver nas cidades torna-se um perverso drama social.

Assim, tacitamente ameaçados, estamos imobilizados. Dentro de espaços sociais condenados, locais anacrônicos. Que se autodestroem, mas onde

<sup>4</sup> Depoimento de migrante rural ambulante na Praça Dr.Carlos, centro de Montes Claros, vendedor de mercadorias do Paraguai, para terceiros.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



temos o estranho e apaixonado; desejo de permanecer, enquanto o futuro se organiza, debaixo de nossos olhos, em função de nossa ausência já programada de maneira mais ou menos consciente, (FORRESTER, 1999, p.135).

O processo de urbanização regional teve início com a migração para o Sudeste, especialmente para a cidade de São Paulo. No Norte de Minas Gerais, a cidade de Montes Claros foi o espaço urbano que mais desenvolveu em decorrência da migração para o Sul e da industrialização regional incentivada pelo Estado.

As migrações dos nordestinos para o Sudeste ocorreram principalmente nas décadas de 1930 e 1940 de duas formas: 1º) através da “estrada líquida”, ou seja, o Rio São Francisco; 2º) através da cidade de Montes Claros que já era o maior ponto de concentração de trabalhadores com destino ao Sul do país.

De acordo com o Boletim do Serviço de Imigração e Colonização de 1941, os municípios de Urandi e Condeúbas, no Estado da Bahia, eram os principais municípios que exportavam trabalhadores, principalmente, para São Paulo, através de Montes Claros: “(...) nesta cidade, não só se modificam os meios de locomoção, como também o indivíduo migrante começa a receber a assistência por parte do governo” (DANTAS, 1941:84).

O trabalhador que se deslocava para Montes Claros, partia de sua localidade para uma outra próxima, onde se reunia com outros trabalhadores e continuavam a viagem alugando caminhões para levá-los para a cidade.

A viagem era feita sempre de forma muito desagradável, tumultuada e perigosa, conforme relatos da época. No trajeto costumavam pernoitar em barracões rústicos. Nessa época, as migrações ocorriam com grupos numerosos de famílias. Quando chegavam a Montes Claros, os migrantes ficavam em pensões, quartos alugados ou mesmo sob copas de árvores, enquanto aguardavam a ida para São Paulo.

Há casos ainda, especialmente em Montes Claros em que os trabalhadores alugam por alguns tostões a sombra de árvores situadas nos quintais das casas, afim de não ficarem inteiramente desabrigados, (DANTAS, 1941,p.86).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelas migrações para o Sul do Brasil. O campo se esvaziou. Montes Claros, além de cidade-rota para a migração, começa a receber também seus novos cidadãos. Montes Claros é a cidade pólo da região do Norte de Minas Gerais. Para lá, muitos trabalhadores rurais migrantes chegam em busca da modernidade, do desenvolvimento, da qualidade de vida.

### **3- O Processo de Desenvolvimento do Município de Montes Claros:**

A ocupação do Município de Montes Claros ocorreu a partir da expansão da pecuária extensiva, que desde os séculos XVI e XVII começou a subir o rio São Francisco. As populações originárias do Nordeste do país e do Sul do Estado, que procuravam possibilidades de fixarem propriedades e expandir a área de criação de gado, encontraram condições satisfatórias na região.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



A cidade surgiu como um povoado e se desenvolveu em torno de uma capela de fazenda à margem direita do rio Vieira, entre os córregos Vargem Grande e Lages. Tropeiros, mineiros e toda sorte de aventureiros percorreram aqueles sertões em busca de riquezas sem fim. Logo, a Fazenda dos Montes Claros transformou-se no maior centro comercial de gado, no Norte de Minas Gerais.

Em 13 de outubro de 1831, foi criada a “Vila das Formigas” e em 03 de Julho de 1857, a vila foi elevada à categoria de cidade, recebendo o nome de Montes Claros. A economia baseava-se, à época, na criação de gado para atender à demanda dos distritos especializados na extração de ouro no Estado, estando os mineradores sujeitos aos preços elevados de alimentos, o que explica, em parte, a constituição de grandes fortunas naquele período.

Diversos caminhos de tropas interligavam Montes Claros à região de mineração e dirigindo-se até o Nordeste do país. Rota vital para escoamento da produção, definindo a cidade, desde seus primórdios, como centro regional de comercialização e de serviços para os fazendeiros da área. A unidade econômica era a grande fazenda de criação, em condições de muita rusticidade. O principal fator de produção, a terra, era livre e apropriável.

A elevação de Montes Claros como centro regional, aconteceu de maneira gradual e em decorrência de alguns fatores ocorridos no século XIX: 1) O afastamento do eixo econômico do “rio para o sertão”; 2) A estrada para a Bahia, 3) As jazidas minerais descobertas em Itacambira, Leste de Montes Claros; 4) A mudança de eixo econômico para o Rio de Janeiro e Zona da Mata, sendo que as ligações eram feitas por Montes Claros. Nesse período, a base econômica do município era a pecuária extensiva, as atividades da cana de açúcar e o algodão, (OLIVEIRA, 2000).

No final do século XIX, a cidade era “o principal centro urbano e comercial” (OLIVEIRA, 2000,p.26). Sua primeira indústria foi instalada em 1882 e contava com 72 teares, 127 operários e produzia 30 mil metros de tecido por mês, a fábrica do Cedro. O telégrafo chegou logo depois da República, em 1892. No começo do século já havia luz elétrica, jornais e mesmo um cinema.

Mas o maior incremento para as atividades econômicas e comerciais acontece em 1926, com a chegada da ferrovia. “(...) para Montes Claros a chegada das paralelas de aço e sua interrupção aqui, por quase 20 anos, consolidou em definitivo sua posição de centro coletor regional e distribuidor de bens importados. (...)”. (FERREIRA apud OLIVEIRA, 2000, p. 27).

A importância da cidade como centro comercial e de serviços passa a ser reforçada também como centro industrial com a chegada da SUDENE. “É a cidade centro, polarizadora de atração dos recursos de Minas Gerais, não é Belo Horizonte, que fica fora da área de jurisdição da SUDENE, mas justamente Montes Claros”, (ANDRADE, 1982, p.402).

O fato de encontrar-se a mais de 420 km da capital Belo Horizonte e não ter próximas outras cidades de porte médio favoreceu para que a cidade tornasse: (...) um ponto de convergência de pessoas e mercadorias que, de uma área muito extensa do Norte de

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

Minas, demandam Belo Horizonte e, em menor escala, o Rio de Janeiro e São Paulo, (ANDRADE, 1982, p.398)”.

A SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste incluiu a área do Polígono das Secas de Minas Gerais em sua jurisdição e, na década de 60, abriu seu escritório em Montes Claros, estimulando a vinda de dezenas de empresas para o município.

É em Montes Claros que se concentram os melhores indicadores de qualidade de vida da região, embora ainda sendo uma área considerada subdesenvolvida (considerando o IDH). Uma cidade que cresce demasiadamente em função do deslocamento dos trabalhadores que, para seguirem a rota do sul do país, passam por Montes Claros, e muitos ficam na cidade.

### **3.1- A Mudança de Rota da Migração: Montes Claros, de Cidade Sertão Para Centro Regional Urbano:**

O município de Montes Claros está situado na Bacia do Alto São Francisco, classificado pelo IBGE como pertencente a macrorregião geográfica Nordeste e microrregião Montes Claros. A vegetação varia entre o cerrado e a caatinga; o clima é quente e seco. De acordo com resultados do Censo 2000, a população residente é de 306.258 habitantes, com 288.534(94,21%) pessoas residindo na área urbana e 17.724 pessoas (5,79%) na área rural. Com relação à migração, considerando pessoas residentes no município em setembro/1991, são 19.835 pessoas, (dados do Censo 2000).

A cidade expandiu consideravelmente o seu tecido urbano (TABELA 1) conseqüência do significativo aumento populacional, decorrente do crescimento econômico e da migração campo-cidade determinada pela seca e pelo desemprego existente na região e no Nordeste brasileiro.

**TABELA 1**

#### **Montes Claros, Minas Gerais e Brasil - Comparativos de variação. Populacional entre 1996 e 2000.**

População	1996	2000	%
BRASIL	157.079.573	169.544.443	(+) 7.36
Minas Gerais	16.673.097	17.835.488	(+) 6.52
Montes Claros	271.608	306.258	(+)11.46

**FONTE:** Adaptação do site disponível em<<http://www.montesclaros.mg.gov.br>. >  
Acesso em 25/09/2002.

O processo de urbanização do município ampliou-se na última década, concomitantemente a um aumento da industrialização. Paralelamente, formou-se uma rede intra e inter-regional de transportes. Expandiu-se a malha vicinal possibilitando o aumento da polarização de Montes Claros e o fortalecimento dos vínculos da região e, conseqüentemente, da cidade com os mercados do Centro-Sul.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



O fato de Montes Claros ser rota obrigatória de vários movimentos migratórios, registrados ao longo da história, favoreceu a construção de uma identidade própria e singular. O homem sertanejo gerou uma cultura rica e regional, levando em consideração a religiosidade e a solidariedade, que perpassaram todas as camadas sociais. As manifestações culturais sempre se guiaram pelos ciclos agropecuários e vão perdendo espaço com a industrialização. Os hábitos e ritos e crenças continuam a ocorrer, embora agora não mais com caráter integrador da comunidade, mas como manifestação de determinados segmentos da comunidade atual sem conseguir, contudo, integrá-la como um todo.

Estas redescobertas das diferenças culturais não se manifestam quanto à categoria trabalho. A inserção no mercado de trabalho urbano continua difícil. A baixa escolaridade, qualificação deficiente e profunda discriminação social impedem a entrada no mercado de trabalho.

Montes Claros é a cidade pólo da região Norte Mineira. Aqui, muitos trabalhadores rurais migrantes chegam em busca da modernidade, do desenvolvimento, da qualidade de vida. Como o personagem Riobaldo do livro Grande Sertão: Veredas, os trabalhadores não desanimam, persistem, encaram com coragem as dificuldades e incertezas da vida urbana.

#### **4. Os tempos de ontem e de hoje: as migrações campo-cidade para Montes Claros e suas características básicas**

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês  
Que andava preso em liberdade pela cidade.  
Mas o modo como olhava para as casas,  
E o modo como reparava nas ruas,  
E a maneira como dava pelas pessoas,  
(...) E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando.  
(...) Por isso ele tinha aquela grande tristeza.  
Que ele nunca disse bem que tinha,  
Mas andava pela cidade como quem não anda no campo  
E triste como esmagar flores em livros  
E por plantas em jarros...

Fernando Pessoa/Alberto Caeiro

A opção de migrar para Montes Claros, um centro de serviços da região Norte-Mineira, tem como principal motivo a possibilidade de ocupação com o mercado de trabalho formal ou informal. A mobilidade social é a grande esperança dos oriundos do campo na procura de um lugar de destino.

Os “antigos tempos”, como caracterizado nos depoimentos dos trabalhadores, são retratados como tempos de fartura, de “boa vida”, de muita terra e de “prato cheio”; o campo era o tempo anterior do passado. A cidade era local para “fazer a feira” e, de vez em quando, para “ir ao médico” ou ver “novidades”. Os espaços rurais e urbanos eram completamente separados, caracterizados e delimitados.

*“São tempos que não voltam. Hoje a gente vem, sabe onde termina a cidade. A roça acho que nem existe mais. Pelo menos, aquela com gado, comércio, professora. E minha família toda junta, criando galinha, porco, fazendo*





**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



*queijo, plantando roça. Quando a seca vinha, sempre tinha um patrão para empregar a gente como peão. Agora, tudo é máquina”. Depoimento de um trabalhador rural, ao preencher o cadastro para emprego no Posto do SINE-Moc.*

As atividades de produção no tempo antigo eram caracterizadas como atividades de subsistência e possibilidade de permanência no campo. As relações de trabalho relatadas não se baseavam apenas nas leis de mercado. As ações econômicas dos indivíduos baseavam-se também em trocas entre as famílias, parentes, vizinhos, imbricando valores de cooperação, solidariedade e reciprocidade.

Já na década de 70, com os incentivos públicos, os empresários rurais, impulsionados pela industrialização do campo, culpavam as leis trabalhistas pelo esvaziamento do meio rural. Em reportagem à revista “Montes Claros em Foco”, edição de novembro de 1979, o Presidente da Sociedade Rural de Montes Claros, citava que o Estatuto do Trabalhador Rural dificultava e onerava para os fazendeiros a colocação de trabalhadores, impossibilitando, assim, que os mesmos mantivessem muitos trabalhadores.

*“A maioria dos fazendeiros não tem condição de comprar trator e precisa mesmo é de mão-de-obra humana. Se não consegue quem trabalhe, não pode produzir. Entre correr o risco de perder a fazenda em causas trabalhistas e não produzir, ele prefere a segunda opção, pois sempre resta a alternativa de engordar bois, que necessita de pouca mão-de-obra”.(Entrevista com o Sr.Saul Dias, Revista Montes Claros em Foco, edição de novembro de 1979).*

O relato de uma trabalhadora migrante<sup>5</sup> demonstra que para os fazendeiros, importa apenas a produtividade, daí o grande incentivo para aquelas famílias que não possuem terra ou possuem pouca terra, desfazerem destas e partirem rumo à cidade. O depoimento corrobora as dificuldades dos migrantes rurais em viver em Montes Claros.

*“Saímos da roça porque o patrão mandou, não precisava mais da gente, aí viemos pra cidade, tentar.Meu marido tem problema de diabete, mancha na coluna e desgaste de osso, ele não trabalha há 15 anos, e, eu vivo naquela batalha; um dia tem faxina, no outro não tem. A gente passa aquela vida difícil. Eu trabalho na feira livre, só no domingo”.*

*-Você vende uma coisinha lá, o que você faz?*

*“Eu vendo só tempero, corante, é o que eu trabalho, mas agora tem muita concorrência e caiu muito a venda pra mim. Aí eu passo uma dificuldade muito grande, às vezes esses meninos mesmo, a gente tem vontade de ajudar, mas, a vida da gente é de muita baixa renda”.*

*-Quantos filhos você tem?*

*“São oito”.*

*- Oito? E netos você tem quantos?*

*“Neto são onze”.*

*E os filhos estão todos aqui em volta ou foram...“Os meus filhos estão tudo aqui”*

---

<sup>5</sup> Depoimento de Maria Ferreira ao Programa da Tv Cultura –Caminhos e Parcerias, disponível em: <[www.tvcultura.com.br](http://www.tvcultura.com.br)>. Acesso em: 20/06/2002.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Os dias de hoje, como muitos chamam o presente, são “outros tempos”. De acordo com os depoimentos dos trabalhadores já “não existe nenhuma” possibilidade de permanecer no meio rural. A década de 60 e posteriores até 90, demonstraram grandes investimentos públicos na mecanização do campo, nos projetos de grandes irrigações e reflorestamento, que expulsa as famílias de pequenos produtores, trabalhadores do campo.

Os enfrentamentos desta perversa realidade foram vivenciados pelos pequenos agricultores e trabalhadores rurais, através de uma primeira estratégia: a migração sazonal. Os canaviais e cafezais no interior de São Paulo e Triângulo Mineiro e as grandes construções nas metrópoles foram à forma encontrada pelo chefe da família de “buscar dinheiro”, e depois retornar. Tal estratégia pode ser definida como forma de resistência dos trabalhadores e vontade de permanecer no campo e de permanecer rural.

O movimento de retorno, iniciado na década de 90, de forma lenta, com a volta dos trabalhadores das grandes capitais, aumentou as migrações intra-regionais. A estratégia das migrações sazonais não conseguiu impedir a industrialização rural, conseqüentemente, a população rural continuou a se deslocar para as cidades. As migrações de retorno aumentaram, comprovadas pelo censo 2000, mas devem ser entendidas, pelo menos, em relação a este estudo, como um movimento populacional de retorno à região e não necessariamente aos municípios de origem.

Em suma, as migrações campo-cidade para Montes Claros, analisadas neste estudo, comprovam algumas características básicas:

- 1) A cidade é a que mais atrai população, ao mesmo tempo ainda é grande o número de pessoas que deixam o espaço urbano temporariamente em função de trabalhos em outras regiões;
- 2) O aumento significativo do número de mulheres migrantes responsáveis pela família revela velhas formas de relações de trabalho, baseadas no pagamento através de moradia e comida, corroborando a hipótese da trajetória das famílias camponesas como segregadas no espaço, nas periferias e favelas e, também, com poucas chances de mobilidade social;
- 3) A crescente migração de retorno concentra-se nos trabalhadores rurais na faixa de idade adulta jovem, sendo menor nas faixas de idade mais avançada;
- 4) A maioria dos migrantes rurais são da própria região, que não vem apenas do meio rural, mas também do meio rural dos municípios vizinhos, além dos Estados geograficamente mais próximos, como o caso da Bahia;
- 5) A mecanização do campo, incentivada pelas políticas públicas, foi causa principal da migração do campo para a cidade de Montes Claros, município que recebeu incentivos do Estado para a sua industrialização e que promoveu rápida urbanização;
- 6) A falta de políticas propriamente voltadas para os trabalhadores oriundos do campo faz com que os migrantes continuem segregados no espaço urbano e na possibilidade da mobilidade social;



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



7) O Posto do Sine-Moc não diferencia os trabalhadores rurais dos urbanos, não havendo estatísticas em relação aos mesmos quanto ao Mercado de Trabalho: Portanto, implementa os mesmos cursos de qualificação para heterogênea população à procura de trabalho. Os migrantes rurais concorrem às mesmas vagas com total desvantagem em escolaridade e qualificação profissional.

8) As vagas mais conseguidas pelos migrantes rurais na faixa de idade adulta jovem, através do SINE - Montes Claros, são para mulheres, de empregadas domésticas, babás e, para os homens, frentistas de postos de gasolina, segurança do comércio local e sitiantes.

A desruralização continua marcando o território norte-mineiro, sendo necessário compreender que o discurso de “fixação do homem no campo”, necessita de reformulações. A grande porcentagem de jovens e mulheres migrantes caracteriza a necessidade de construir, no campo, alternativas de condições de vida básicas em relação à saúde, educação, lazer e, principalmente, integração econômica, através de atividades agrícolas e não agrícolas.

É necessário insistir que as atividades não-agrícolas não têm sido suficientes para absorver todo o excedente de mão-de-obra disponível no meio rural, o que se comprova pela quantidade crescente de pessoas desempregadas. As atividades rurais não-agrícolas não são preenchidas “automaticamente” pelos trabalhadores agrícolas que são desempregados pela crescente mecanização. Pelo contrário, grande parte das novas atividades agrícolas, assim como a maioria das atividades não-agrícolas, exigem níveis de qualificação e capacidade de empreendimento que estão muito distantes do perfil dos desempregados rurais que antes ocupavam as atividades agropecuárias.

O meio rural está cada vez mais em contato com o meio urbano. Assim, necessário se faz que esta proximidade seja entendida pelo Estado, através de políticas públicas de interação que agreguem o tecido social existente.

A esperança de melhoria de vida traduz em longa espera de homens e mulheres no espaço urbano, na busca da reconstrução de suas vidas, enquanto camponeses que foram, agora como cidadãos urbanos. A esperança aqui foi utilizada através da formulação feita por José Souza Martins, onde esperança não é apenas a possibilidade de consumo ou de privilégios, mas a consciência social, crítica que construa condições sociais dignas através do esforço de todos e não apenas de alguns.

## **5- Considerações Finais:**

*“No esperemos nada Del siglo XXI pues es el o siglo XXI el que espera todo de nosotros”*

*Gabriel Garcia Marquez.*

A migração representa para os trabalhadores a possibilidade de melhoria de vida. Com a falta de oportunidades no campo, o migrante espera na cidade pela integração no processo de trabalho urbano. A pesquisa demonstrou que os familiares ajudam o migrante a estabelecer os primeiros contatos com a cidade, o lugar para ficar, os principais pontos urbanos.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Porém, a permanência na cidade está sempre condicionada a “conseguir logo um jeito de ganhar a vida”. Em Montes Claros, percebe-se que os migrantes chegam já dispostos a permanecer, independentemente de colocações. Os depoimentos mostram que a maioria deseja retornar ao meio rural, mas na impossibilidade preferem ficar em Montes Claros. Muitos continuam a seguir a rota da migração para São Paulo e outras regiões por tempo determinado e depois retornam à Montes Claros.

A justificativa dessa vontade de permanecer na cidade, dá-se muito em função da migração acontecer com toda a família, além do fato da cidade estar situada em sua região. Outro fator é a desilusão com os grandes centros.

Não diferente de outras cidades, as principais ocupações encontradas pelos trabalhadores oriundos do campo acontecem no setor terciário, embora a expectativa dos mesmos é sempre pelo trabalho fabril.

As modificações no trabalho fabril e a falta de qualificação dos trabalhadores dificultam a inserção no mercado de trabalho.

O migrante recém-chegado procura rapidamente algum curso de qualificação que possa auxiliá-lo na busca por colocações, independentemente de qual seja. Quando questionado sobre qual colocação gostaria de obter, geralmente não sabe responder.

Grande parte dos trabalhadores entrevistados desconhecem as leis trabalhistas e quais os empregos possíveis de conseguir. O estudo realizado comprovou que aos migrantes rurais são direcionadas as piores vagas de trabalho, sem carteira assinada e na marginalidade ocupacional. Os homens conseguem vagas, geralmente de vigias, frentistas e sitiantes e as mulheres, de domésticas e babás.

*“Nós temos que lutar muito”, diz uma migrante rural no Posto do SINE, que todos os dias procura qualquer vaga de trabalho. Há dois meses ela não trabalha. Veio do meio rural de Quambi(BA) trabalhar como doméstica, mas nunca recebeu nenhum salário pela alegação que o salário era a alimentação, hospedagem e material escolar. Resolveu sair do “emprego” depois que conheceu uma outra migrante e passou a dividir com ela um pequeno cômodo na periferia da cidade. Aos 22 anos pretende se formar em auxiliar de enfermagem, está cursando o ensino fundamental e tem “lavado umas trouxas de roupas” para “ganhar algum”. Quando questionada se voltaria a viver no campo, a resposta é imediata: “não, lá a gente não cresce, aqui tem muita labuta, mas acredito que vou ter uma vida melhor que da minha mãe”.*

A pesquisa de campo revelou que 60% dos migrantes rurais entrevistados voltariam a morar no campo porque sentem como o *“seu lugar.”*<sup>6</sup> *“Por causa da tranquilidade”. “Porque a vida piorou depois que veio para cidade” e “porque na roça as pessoas são mais amigas”.*

---

<sup>6</sup> Todas expressões em itálico são depoimentos de migrantes rurais no Posto do SINE- Sistema Nacional de Emprego em Montes Claros, como também na Praça Dr. Carlos e em algumas favelas da cidade. Entrevistados durante a pesquisa de campo.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



O restante que não voltaria para o meio rural (40 %), acha que a vida está melhor em Montes Claros, já que todos tinham migrado antes e afirmam que no campo “*pior estava*” e que na cidade “*pelo menos aparece um bico para fazer*” e “*para quem não exige, sempre tem algum serviço.*”

A escolha pela cidade de Montes Claros é totalmente em função da busca de trabalho em consequência de que “*não tinha mais terra para plantar*”. O “*trabalho na roça acabou*”, “*ir prá São Paulo, Uberlândia ou interior de São Paulo é duro demais, tem gente que volta doente e uns que até morre por lá mesmo,*” “*muitos da família já tinham vindo e melhoram muito,*” “*as indústrias ainda podem empregar muito.*” O “*atraso da roça é grande, só na cidade a vida pode ser boa, ainda mais quando é uma cidade nossa, aqui do sertão mesmo*”.

Os trabalhadores do campo expressam a profunda discriminação que sentem na cidade em relação aos trabalhadores urbanos. “*O preconceito contra gente é muito, tenho até vergonha de falar que vim da roça, mas parece que tá na nossa cara*”. A falta de escolaridade e qualificação profissional é identificada por eles como forma de discriminação: “*Quando a gente chega aqui no SINE, ninguém pergunta o que nós gostaríamos de aprender, quem sabe se eles escutassem a gente a coisa melhorava. Eu sei fazer doces, é gostoso, mas não fica muito bonito. Queria aprender mais*”, (Mulher, 23 anos, migrante do meio rural de Salinas -MG).

A esperança na melhoria de vida através da integração com o mercado do trabalho na cidade de Montes Claros é motor que move famílias rurais para o meio urbano.

O estar na cidade não significa participar da cidade. O sair do campo, não significa abandonar a miséria e sim falta de oportunidades.

Existem também relatos de pessoas bem sucedidas em Montes Claros que foram migrantes rurais, conseguiram principalmente através do setor de serviços em pequenos e médios negócios a “sonhada melhoria de vida”. Mas a maioria dos trabalhadores rurais ainda vivem em condições de trabalho injustas e informais.

Os migrantes rurais, quando mais jovens, não querem ser os trabalhadores que foram os seus pais e sabem que não o serão nunca. A vinda para cidade, é a forma de deixar o “trabalho bruto” por um “trabalho melhor”, o que significa estar “fora da roça”.

Ainda não há integração do migrante rural com o mercado de trabalho formal, mas os trabalhadores já não querem continuar migrando “mundo a fora” como dizem, preferem ficar em Montes Claros, pois na medida em que cada vez mais se abrem às fronteiras, mais se produzem territórios, mais as relações sociais de produção também ficam mais desiguais. Migrando em sua própria região as famílias migrantes sentem “em casa”, com possibilidades de “ficarem raízes”.

Para aqueles, cujo poder de aporte de investimentos na maioria das vezes significa apenas a venda da força de trabalho, a migração é uma estratégia, uma resistência, uma eterna possibilidade ou impossibilidade de ficar ou sair. Não querem mais seguir como um “vôo das andorinhas” (MARTINS: 2000), isto é, na construção de diferentes territorialidades nacionais, ficar indo e vindo não tem melhorado a situação das famílias





**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



rurais, em um mundo cuja concepção corrente o trata como cada vez mais desterritorializado e sem fronteiras. Mundo que desata referências e reconstrói outras e, juntamente com elas, desata famílias e indivíduos que muitas vezes são sua única referência.

## 5. Referências Bibliográficas:

ABROMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1992.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, Capital e Industrialização do Nordeste**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e A Rua**. Rio de Janeiro: Quanaabara/Koogan, 1991.

DANTAS, Humberto. Movimento de migrações internas em direção do planalto paulista. **BOLETIM DO SERVIÇO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO**. São Paulo, Séc. da Agric, Ind e Comércio, Nº3, 1941.

FERNANDES, Mançano Bernardo. **Brasil: 500 anos de Luta pela Terra**. Disponível em <<http://w.w.w.culturavozes.com.br/revistas>>. Acesso em 4 de maio de 2001.

GRAZIANO SILVA, José. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1998.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MARTINS, José Souza. **O Cativo da Terra**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_.(org). **A Sociedade Vista do Abismo**: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

**Montes Claros em Foco**. Montes Claros. Editora Ataliba Machado Ltda. 1979.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene(org). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes, 2000.

PESSOA, Fernando. **Poesia/Alberto Caetano**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco**. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972. Tomo I e II.

RIBEIRO, Luiz. O Mapa da Fuga. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, Edição de 08 de julho de 2001. Caderno Gerais, p-16.

REIS, Geraldo Antônio dos. Algumas Considerações sobre o processo de desenvolvimento recente da Região Mineira do Nordeste. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos(org). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas**:



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997. p. 37-74.

RODRIGUES, Luciene. Formação Econômica do Norte de Minas e o Período Recente. **Formação Social e Econômica do Norte de Minas Gerais**. OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de (org). Montes Claros: Unimontes, 2000. p 105-170.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.